



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MATEUS DOS SANTOS

A REGATA CENTENÁRIA DE CANOA DE SANTO ESTEVÃO

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

MATEUS DOS SANTOS

A REGATA CENTENÁRIA DE CANOA DE SANTO ESTEVÃO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S236r

Santos, Mateus dos.

A Regata Centenária de Canoa de Santo Estevão / Mateus dos Santos. - 2024.
39 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em História) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.
Orientador: Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira.

1. Canoas e canoagem - Distrito de Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA). 2. Regata
- Distrito de Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA) - História. 3. Tradição oral - Distrito
de Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 981.420797122

MATEUS DOS SANTOS

A REGATA CENTENÁRIA DE CANOA DE SANTO ESTEVÃO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Data de aprovação: 17/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pois sem Ele não estaríamos aqui para iniciar e a finalizar este processo educacional em Licenciatura em História.

A minha família que esteve presente neste processo, principalmente minha avó Delma Daria, minha mãe Aline dos Santos, meu tio Whelson dos Santos e Ademir dos Santos Junior, todos sempre me incentivaram para seguir no processo.

A toda Unilab, principalmente aos docentes, em nome de meu orientador Igor Fonseca de Oliveira e Maria Cláudia Cardoso, saúdo a todos/as professores/as que me ajudaram muito neste processo.

A todos colegas que estiveram presentes neste processo me ajudando diretamente e indiretamente durante meus estudos na UNILAB.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as histórias, memórias, personagens e trajetórias da centenária corrida de canoa de Santo Estevão, distrito de São Francisco do Conde, na Bahia. Fazendo um panorama histórico sobre a região estudada graças a oralidade, podendo entrevistar os grupos envolvidos na tradição, que não tinha vozes ativa. Relatando que esse reduto foi um território escravista e um engenho de açúcar, para destacar a presença de negros escravizados e indígenas. Assim, o interesse é descrever a história local do distrito a partir da corrida, mostrando que é uma cultura de pescador e que sua origem é graças a importante relação de vida dos moradores com a Baía de Todos os Santos, depois mostrando que essa tradição cultural é um patrimônio imaterial por todos seus motivos.

Palavras-chaves: canoas e canoagem - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA); regata - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA) - história; tradição oral - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA).

ABSTRACT

The present work aims to analyze the stories, memories, characters and trajectories of the centenary canoe race in Santo Estevão, district of São Francisco do Conde-Ba, providing a historical overview of the region studied thanks to orality, being able to interview the groups involved in tradition, which had no active voices. Reporting that this stronghold was a slave territory and a sugar mill, to highlight the presence of enslaved black people and indigenous people. Thus, the interest is to describe the local history of the district based on the race, showing that it is a fishing culture and that its origin is thanks to the important life relationship of the residents with the Baía de Todos os Santos, then showing that this cultural tradition It is an intangible heritage for all its reasons.

Keywords: canoes and canoeing - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA); oral tradition - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA); regatta - Santo Estevão (São Francisco do Conde, BA).

.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	BREVE PANORAMA HISTÓRICO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE E SANTO ESTÊVÃO	12
3	A CORRIDA DE CANOA	18
3.1	O SURGIMENTO	18
3.2	A CANOA	26
3.3	PATRIMÔNIO IMATERIAL	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O intuito em pesquisar sobre a centenária corrida de canoas no distrito de Santo Estevão surgiu a partir do meu amor e orgulho em pertencer a essa comunidade. Tive, desde muito pequeno, a oportunidade de ouvir e presenciar a importância sociocultural e econômica desse evento para os moradores do entorno da Baía de Todos dos Santos, principalmente para aqueles que residem nos municípios de São Francisco do Conde, Madre de Deus, Saubara, Santo Amaro e Candeias.

Todo ano, no dia oito de dezembro ou no primeiro domingo deste mês, ocorrem as celebrações do padroeiro Santo Estevão, considerado pela Igreja Católica como o primeiro apóstolo a morrer em nome do Cristianismo. Quanto ao momento das celebrações, nota-se que a intenção, ao que parece, consiste em abrir o mês de aniversário de Santo Estevão, o qual, de acordo com a Igreja Católica, nasceu um dia após Jesus Cristo. Inclusive, um dos cânticos que exaltam Santo Estevão ressalta que “ontem Cristo nasceu na Terra, para que hoje Estevão nascesse no céu”.

Trata-se, certamente, de um dos momentos mais esperados pelos moradores de Santo Estevão. No decorrer de uma semana, o distrito, onde, atualmente, segundo dados do IBGE de 2010, residem, aproximadamente, 700 pessoas, multiplica a sua população exponencialmente.

Mas, por que a corrida de canoas atrai a atenção dos moradores e das centenas de pessoas que retornam ou estão apenas de passagem, mesmo que por alguns dias, por Santo Estevão? Foi esse questionamento que me motivou a pesquisar sobre essa regata. Estive, nos últimos seis anos, comprometido em compreender melhor a dinâmica sociocultural da Corrida de Canoas de Estevão, principalmente a sua importância para a comunidade pesqueira residente no entorno da Baía de Todos os Santos.

Entre 2017 e 2022, entrevistei sete pessoas, muitos deles antigos moradores do distrito de Santo Estevão. São pessoas que, de algum modo, estão diretamente envolvidos com a corrida de canoas; pescadores, canoairos, artesãos, comerciantes, entre outros.

O método da História Oral se mostrou de suma importância para o desenvolvimento desse estudo, ainda mais porque parte considerável do que será aqui narrado estava presente apenas nas memórias dos mais idosos. Não existe qualquer acervo ou volume documental sobre a corrida de canoas de Santo Estevão. Nesse sentido, procurei seguir os ensinamentos de Ferreira e Moraes (2006, p. 17,) os quais indicaram que a oralidade é um conhecimento capaz de aproximar as pessoas de novos conhecimentos culturais e históricos de atores sociais, dando

essa ferramenta de pesquisar ao historiador, que irá analisar os fatos e transformar em conhecimento históricos, nesse caso a vida dos pescadores, da corrida, canoa e o distrito.

São poucos estudos desenvolvidos no âmbito da História sobre São Francisco do Conde, muito menos em relação aos seus distritos. Os que existem procuram centrar suas análises no papel desenvolvido por São Francisco do Conde no desenvolvimento da cultura da cana de açúcar no Recôncavo Baiano. Já em relação aos aspectos culturais, os estudos destacam aqueles que, de certo modo, estão relacionados a presença de escravizados negros na região como, por exemplo, o Capabode e a Nega Maluca.¹

Nesses estudos, demonstra-se o quanto a preocupação em ocupar e povoar o que viria a ser São Francisco do Conde estava assentada em sua posição estratégica na Baía de Todos os Santos. Todavia, nada se diz sobre a prática da navegação a partir dos portos de São Francisco do Conde, ao menos para além do uso de embarcações como meio de circular a cana de açúcar produzida nos engenhos de Santo Estevão, Monte Recôncavo, Macaco, Cajaíba, Caípe, Paramirim, entre outros.

Há, de certo modo, um silenciamento na História da Bahia em relação aos personagens que estariam operando essas navegações. Exalta-se a Baía, a sua enorme possibilidade de circular as riquezas do Recôncavo Baiano, mas silencia-se em relação às pessoas que eram responsáveis em conduzi-las através do mar.

O pesquisador Wellington Castellucci aparece como um dos poucos que se dedicaram a conhecer mais sobre as experiências e as vivências das populações portuárias e ribeirinhas do Recôncavo Baiano, especialmente as residentes na Vila de Itaparica no século XIX. Os seus estudos *Pescadores e Roceiros*, publicado no ano de 2008, e *Caçadores de Baleia*, publicado em 2010, revelam aspectos sociopolíticos de antigas e rentáveis atividades econômicas desenvolvidas no mar do Brasil, como, por exemplo, a caça e a pesca de cetáceos, e a coleta e os comércio de mariscos nos entrepostos.

O protagonismo que Wellington Castellucci acabou dando a esses personagens contribuiu para que eu pudesse compreender melhor os aspectos narrados pelas pessoas ouvidas no decorrer dessa pesquisa. O que procurei aqui narrar por meio dos seus depoimentos se relacionam com a memória coletiva destacada por Jacques Le Goff (1990), uma cultura rica que é preservada graças a oralidade, porque os elementos que estão na corrida fazem parte do cotidiano deles, algo vivido no passado e que continua presente no decorrer do tempo, sendo

¹ SANTO, José Jorge do Espírito. **São Francisco do Conde**: Resgate de uma riqueza cultural. São Francisco do Conde. 1998.

conservada pelo grupo social e fazendo as pessoas se identificarem com a cultura, festa, tradições e comunidade.

Esse estudo encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, procuro apresentar um rápido panorama histórico do processo de ocupação e integração do que viria a ser São Francisco do Conde e, conseqüentemente, Santo Estevão, à economia açucareira operante no Império Português, ainda em meados do século XVI.

Já no segundo capítulo, intitulado *A Corrida de Canoas*, analiso, mais particularmente, os depoimentos dos meus entrevistados, procurando sobretudo apresentar uma espécie de História Social desse evento, destacando os seus personagens e o modo como a participação nesta corrida contribui para a consolidação de uma identidade do mar. Além de mostrar que a corrida de canoa é um Patrimônio Imaterial, porque suas histórias, conhecimentos e técnicas de velejar, narrativas, personagens, os saberes do vento e mar, arrumação das canoas, pesca e as funções entre os corredores, são tudo passada de geração a geração pela oralidade; imaterial é algo vivo com valor cultural, histórico e social, todo seu conhecimento e saber está na mente das pessoas, que passam para seus descendentes (Gallois, 2006, p. 8).

2 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE E SANTO ESTÊVÃO

Muito embora esteja inserido no Recôncavo Baiano, região que recebeu a atenção de muitos pesquisadores no âmbito da História, ainda são poucos os estudos sobre o município de São Francisco do Conde. Há, no entanto, algumas menções importantes a respeito desse município em estudos que procuraram analisar o processo de introdução, disseminação e ocupação da economia açucareira na Bahia, ainda no século XVI.

A estrutura da sociedade brasileira e da Bahia, em termo de organização social e política com a povoação em massa, começa nesse período da implementação da economia do açúcar. Quando a coroa portuguesa começa a doar terras para proprietários de engenhos, enraizando o sistema escravista na colônia, a expansão territorial no recôncavo foi pela produção do açúcar, uma atividade econômica que Portugal já tinha o manejo e lucrava (Santos, 2023, p. 12).

Essa agricultura escravista do açúcar, na modalidade de exportação de mercadorias com o plantation e o comércio de escravizados africanos, começou no nordeste e depois se espalhou para outros lugares do Brasil, essa introdução açucareira foi o que caracterizou as regiões baianas, além de toda troca cultural, social e econômica entre os indígenas, africanos e europeus (Barickman, 2003, p. 82). O surgimento da vila de São Francisco da Barra do Sergipe ocorreu no ano de 1698, porém, desde quando o terceiro governador geral do Brasil Mem de Sá, obteve as terras e dividiu em sesmarias e construíram engenhos na região, um desse lugares foi a cidade de São Francisco do Conde, o povoamento nesse território começou e fez surgir a vila (Santos, 2023, p. 14).

Esse surgimento como vila começou em decorrência da construção do convento franciscano de Santo Antônio, realizada por incentivo de Fernão Rodrigues, Conde de Linhares, no ano de 1618 (Santos, 2019, p. 5). A região teve um grande e rápido crescimento econômico, pois estaria estritamente relacionado a sua posição estratégica na Baía de Todos os Santos e aos seus outros atrativos naturais como, por exemplo, o clima ensolarado e o solo massapê, ambos muito propícios para o cultivo da cana de açúcar (Schwartz, 1988, p. 8).

São Francisco do Conde se constituía ainda em um elo de comunicação com outros municípios importantes do Recôncavo Baiano, como se pode perceber na imagem abaixo. Toda a relação e dinamismo que a cidade tinha com outros territórios, como Santo Amaro, Candeias e a abertura que dava para a Baía de Todos os Santos, sua localização geográfica fazia que ele fosse muito importante e poderoso no período açucareiro, facilitava as transições comerciais com os vizinhos e o mundo a fora. Segundo Santos (2023):

Quadro 1 - Freguesias da Vilas de São Francisco da Barra de Sergipe do Conde (1757)

FREGUESIAS	ENGENHOS
São Gonçalo(sede).	Cajaiba, São José, Vanique, Marapé, Dom João, Macaco das Pedras, Gurgainha, Gurgaia, Colônia, Bananeiras, São Lourenço, Buranhem, Capim Mirim, Fazenda do Meio, Itatigui, Piquara, Macaco, Santa Clara, Ladeira.
Nossa Senhora do Monte Recôncavo.	Guahyba, Engenho de Baixo, Engenho D'Água, Povoado do Vencimento, Monte, Paramirim, Cassarangongo, Quibaca, Maracangalha, Cabaxi, Sapucaia, Pinheiro, Pouco Ponto, Limoeiro, Grama, Lagoa, Santa Cruz, Quissengo, Engenho Novo, Bonfim, Mombaça, Mucury, Cravassú, Ilhas das Fontes.
Nossa Senhora do Socorro	Santo Estevão, São Lourenço, Almas, Copa, Cinco Rios, São Gonçalo, Pindoba, Piedade, Mataripe, Barreto, Tanque, Cobé, São Paulo.

Fonte: Dias (2015, p. 48).

O desenvolvimento econômico de São Francisco do Conde seria rápido. No ano de 1872, segundo o primeiro censo populacional do Império do Brasil, datado de 1872, a sua população era de 3125 pessoas, sendo que 56 % viviam na condição de escravizados e 30% eram indígenas. Muito embora os dados presentes nesse censo revelem que a maioria dessas pessoas estava ocupada com a agricultura, sabe-se que existia uma atividade pesqueira muito antiga e importante nessa região.

Figura 2 - Cidade de São Francisco do Conde, na Baía de Todos os Santos

Fonte: Schwartz (1988, p. 90).

Ou seja, mesmo aquelas pessoas residentes nos engenhos, registradas no censo como ocupadas mais especialmente com o cultivo e a produção da cana de açúcar, deviam se dedicar

ainda a pesca além da coleta de marisco e de muitos outros crustáceos que abundavam nos manguezais de São Francisco do Conde.

É notório que pelo histórico de vida dos lavradores, é possível associar que eles têm grande relação com a pesca, se tratando de quem era esses trabalhadores que metia a mão na massa, além de viverem nesse engenho que tinha contato com a mar, a pesca era também uma ferramenta fundamental de sobrevivência deles. Santo Estevão não tinha só a produção de açúcar como economia, até porque atualmente as atividades pesqueiras e marisqueiras são muito fortes. Segundo Prost e Cerqueira ([s. d.], p. 4)),

a pluriatividade é uma característica que não é nova na pesca. Diegues (1983) relata como a pesca artesanal era exercida nos moldes da pequena produção mercantil até a década de 1930, combinando atividades de pesca e de agricultura. Dessa forma, os pescadores tiravam o produto da dieta cotidiana no cultivo, completando, com o consumo e a venda das capturas de pesca, o aporte protéico, mas também dinheiro. Essa pluriatividade reflete um manejo dos recursos naturais uma vez que as famílias não tiravam seu sustento de uma só fonte, tirando ora da terra ora da água os alimentos necessários, garantindo assim certa segurança alimentar, hoje em dia tema de políticas públicas. (p. 4).

O litoral de regiões como o da Baía de Todos os Santos, foram ocupadas pelos povos originários antes da invasão dos portugueses, os mesmo já tinham sua sociedade e modo de vida, principalmente o tronco linguístico Tupi Guarani, que eram bons guerreiros e dominaram a beira-mar, iam criando comunidades e depois organizando com líderes; os Tupinambás viviam em Santo Estevão há um século atrás da invasão dos portugueses, o conhecimento sobre mar e pescar, que sustentar as famílias da região são dessa herança Tupi (Ribeiro, 2006, p. 26). A relação com o a pesca e água presente até hoje no distrito, são herança dessa indianidade presente na comunidade.

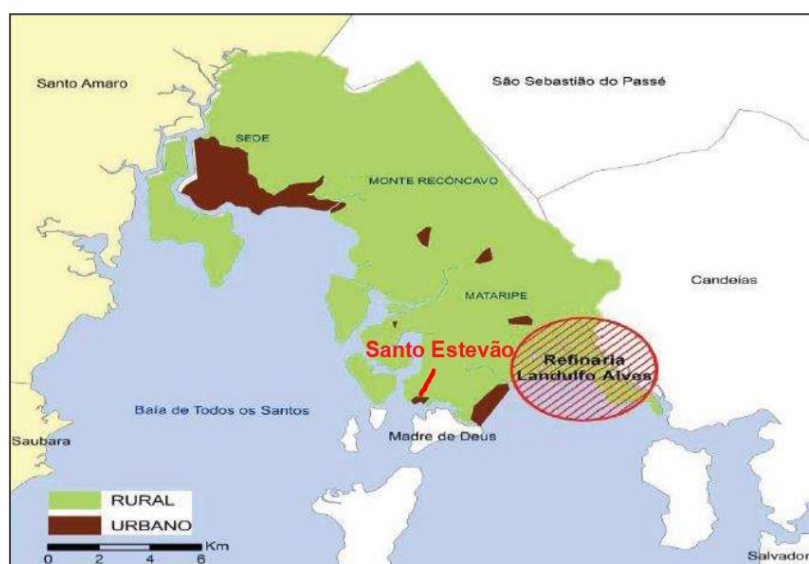
Mesmo assim, a indianidade presente no distrito e na própria corrida é algo claro, por mais que não tenha um estudo antropológico na região, os traços biológicos, cultural, natureza, culinária, modo de vida, economia e várias outras características demonstram essa relação. Através das narrativas orais dos corredores, marisqueiras e moradores sobre a tradição, foi possível trazer para fora o conhecimento e saberes dessa “Cultura de Pescador”, logo que a ideia é escrever e transcrever a história de todos que se envolve com a regata de canoa usando a oralidade, para apresentar que são de origem indígena. Com isso, foi possível compreender personagens, arte de velejar, estratégias, treinamento, divisões, origem, rivalidade, canoas e pesca, para conhecer a tradição e cultura (Baniwa, 2023, p. 1).

O distrito era ocupado pelos povos originários antes da chegada dos portugueses e dos escravizados africanos, o grupo predominante eram os Tupinambás, apesar de não ter fontes

históricas que esclareçam a vida indígena na região, os saberes nativos fazem uma reflexão sobre o modo de vida da sua população.

Vale ressaltar que os Tupinambás já estavam na região e lutaram contra os portugueses, esse fato é só para caracterizar a diversidade cultural de diferentes povos no território e a herança indígena na região. Esse grupo indígena vivia em aldeia antes do ano de 1500, distribuídas em famílias, as divisões sociais de parentesco eram por idade e sexo, os mais velhos sempre eram os chefes, a ideia de guerra e praticar o canibalismo com os inimigos, eram formas de manter o status de mais forte com os vizinhos, sua agricultura era para sua subsistência e autoconsumo, praticamente feita pelas mulheres, através da caça, pesca e coleta, a mandioca era o principal produto. (Schwartz, 1988, p. 41)

Figura 3 - São Francisco do Conde e seus Distrito



Fonte: Dias (2015, p. 50).

Na imagem acima, pode-se perceber não apenas a localização de Santo Estevão, mas presumir a sua relação profunda com a Baía de Todos os Santos, do porque a pesca e conexão sociocultural e econômica ser tão ligada com o mar. Os moradores de Santo Estevão sempre tiveram uma relação próxima com a Baía de Todos os Santos, sempre foi usado para o escoamento da produção local (economia), lazer (banho) e para o deslocamento, sua localização geográfica demonstra isso, uma comunidade costeira que pode ser associada facilmente como uma ilha, pois tem a sua frente Madre de Deus, Ilha de Maria guarda e Bom Jesus dos Passos. Castellucci (2007, p. 28) faz uma análise sobre essas comunidades que habitam as zonas

costeiras do Brasil, como essas populações têm seu modo de vida e tradições voltada para o contato com o mar, rios e manguezais.

Para Wellington Castellucci (2007, p. 34) são fatores que estão presentes nessas comunidades que vivem da pesca, acorda antes mesmo de amanhecer dá para nota pescadores indo para o mar em pequenas canoas, mulheres que iam mariscar na boca da maré, usando alguns utensílios domésticos, como colheres e facas e retornavam depois com suas vasilhas cheias de lambretas, ostras, rala-coco, aratu, e etc. É uma realidade comum em Santo Estevão, pela noite muitos pescadores também vão de canoa à pesca.

Figura 4 - O anoitecer com pescaria



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A imagem acima representa o amor, o modo de vida, as culturas, economia, trabalho e lazer dos moradores de Santo Estevão, que estão ligados pelo seu belíssimo mar. Pescadores saindo à noite para pescar, com o intuito de trazer o sustento para sua família, como a pesca é um aspecto social, político e econômico de sobrevivência para eles. Pois, a existência de uma cultura de pescador, só poderia ser nessas comunidades que têm relação com o mar e a pesca.

3 A CORRIDA DE CANOA

Quão grande é viver uma canoa deslizar nas ondas de um mar cristalino, empurrada por um ideal soprado por ventos que balançam as águas desse mar saudável, na perspectiva de atingir um horizonte cheio de mistérios estimulados por uma certeza de realizações, onde as velas esticam e os homens movimentam-se, indo da proa a popa com a mais pura e simples vontade de satisfazer suas ambições e saciar sua vontades pessoais através da extasiante arte de velejar, do que a de proporcionar lazer a plateia que se debruça dos quatro cantos da tão bela e formosa São Francisco do Conde, para ver esse magnífico espetáculo, que é comentado e cortejado nos rincões do recôncavo.

Nessa mística fascinantemente proporcionada pelos personagens que juntos preconizam o brilhantismo desse evento, surgem popeiros, cordeiros e mezeneiros, oriundos de uma inesgotável fonte de vigor, entusiasmo, maestria principalmente determinação, tornando possível uma tradição secular e por que não dizer singular, que é de colocar no mar todos os anos a velha e bela Canoa à Vela (Espírito Santo, 1963).

O poema acima, de autoria de José Jorge do Espírito Santo, datado de 1963, narra o espetáculo que é presenciar a arte de velejar com canoas pela Baía de Todos os Santos, mais precisamente pelas águas que margeiam o município de São Francisco do Conde. Esse autor é uma pessoa muito importante da cidade, um professor de geografia e muito interessado pelas culturais e histórias de sua região, reconhecido pela sua trajetória educacional e suas publicações de livros, tem um grande amor pelo seu povo e suas raízes.

O presente capítulo irá abordar e analisar as narrativas e as memórias dos personagens envolvidos com a Regata Centenária de Canoa de Santo Estevão, procurando sobretudo indicar as suas origens e a sua importância socioeconômica para a comunidade desse distrito.

3.1 O SURGIMENTO

Todas as pessoas entrevistadas no decorrer dessa pesquisa apontaram que a corrida de canoas de Santo Estevão iniciou a partir de uma brincadeira entre os pescadores da região.

Não se pode, por outro lado, precisar em que ano isso aconteceu. Segundo Dona Alaíde de Jesus, de 85 anos, marisqueira e uma antiga moradora da região, com um vasto interesse e conhecimento sobre Santo Estevão, ela era “menina” e essa corrida “já existia”.

Há dois personagens que se destacam nos depoimentos das pessoas que entrevistei como os criadores do evento; os senhores Nezinho e Mesquita, pescadores e comerciantes importantes na região. Teriam eles dois, amigavelmente, iniciado uma disputa para saber qual deles, saindo de Bom Jesus dos Passos de Salvador, aportava primeiro em Santo Estevão.

Na época, enquanto praticantes da pesca de mezena, nome dado à modalidade pesqueira que usava a vela como meio de navegação, eles usavam canoas construídas a partir da madeira de árvores e que eram usadas, comumente, apenas para o lazer e pequenos deslocamentos. Não existia, *a priori*, qualquer prêmio ou recompensa na competição. Todavia, pouco depois, não se sabe, do mesmo modo, precisar quando, o perdedor passou a presentear com ramos de flores o vencedor; uma homenagem simbólica e que não dispensava maiores custos.

Tratando-se de uma comunidade pesqueira, onde as canoas se constituíam não apenas no principal meio de locomoção dos moradores dos municípios situados no entorno da Baía de Todos os Santos, mas ainda um instrumento importante de obtenção de uma renda econômica, presume-se que os ganhos recebidos pelos vencedores iam muito além dos ramos de flores. Existia um reconhecimento que, muito embora não se possa mensurar, pode-se presumir que devia ser muito importante entre os membros daquela comunidade pesqueira.

Ou seja, essa disputa poderia indicar não apenas quem era o mais rápido, mas ainda quem detinha a melhor canoa, a melhor técnica de navegação, quem mais conhecia as águas da Baía de Todos dos Santos, suas correntes, etc. Poderia ser um meio de aumentar o seu prestígio na comunidade pesqueira de Santo Estevão. Segundo Wellington Castellucci, comunidades como essa que

dependiam do ritmo das marés, dos ciclos naturais de reprodução das espécies, das estações do ano, entre outros aspectos referentes à natureza, para conformarem padrões mediante os quais pudessem desenvolver os seus ofícios, criando formas de manejo e apropriação de recursos ou métodos de navegar: Suas vidas eram, assim, profundamente influenciadas pela relação que tinham com as águas, fossem estas do mar, dos rios ou dos mangues (p. 9).

Essa relação íntima e, até certo ponto, de dependência dos moradores de Santo Estevão com as águas da Baía de Todos os Santos pode ser sentida de diversas maneiras. É a pesca que sustenta a economia do distrito. Um dos entrevistados, o senhor Jardel de Jesus, de 45 anos de idade, indicou como a pesca encontrava-se plenamente associada à sua vida e à sua sobrevivência. Segundo ele, o seu pai era pescador e ele quem o ensinou a pescar. Toda a sua renda sempre esteve vinculada à pescaria e é, por meio dela, que ele vem conseguindo sustentar a sua família.

O senhor Jardel, na verdade, é um dos maiores empresários do ramo da pesca da região. Hoje, sendo proprietário de duas embarcações e vários tipos de rede pesqueira, como a rede arrasto, de tainha, ré, sambuiu e grosseira, ele emprega diversos moradores de Santo Estevão que, assim como ele, dependem, unicamente, do mar e da pesca para sobreviver.

Não se pode compreender a importância da corrida de canoas de Santo Estevão sem entender a relação da maioria dos moradores deste distrito com o mar e, consequentemente, com a pesca. Afinal, como nos lembra Castellucci (2007, p. 33), “o que ditava os ritmos do trabalho, do lazer, das festas, do descanso” nessas comunidades ribeirinhas era “o tempo da natureza, e não o do relógio”.

Na sede de São Francisco, existe uma corrida de canoas que ocorre sempre no primeiro dia do ano. Lá, distintamente do que acontece em Santo Estevão, as premiações aos vencedores são maiores, uma vez que existe apoio e patrocínio do poder público e dos comerciantes. Entre os nomes de maior destaque dessa corrida encontra-se o do senhor Aleixo, falecido em 19/02/2009, e reconhecido como uma das maiores personalidades da cidade; fato esse que motivou a nomear o evento aqui mencionado de “Regata José Aleixo da Cruz”.

Nessa, as embarcações são divididas em duas categorias; as canoas movidas a traquete, as quais usam um pano retangular, e as canoas movidas a vela, que usam um pano triangular. Nas imagens abaixo, datadas do ano de 2018, pode-se notar alguns desses exemplares de canoas.

Figura 5 - Canoa a Traquete



Fonte: acervo pessoal do senhor Antônio Natividade e Jesus.

Figura 6 - Canoa a Vela



Fonte: acervo pessoal do senhor Antônio Natividade e Jesus.

As duas imagens acima, demonstrar as divisões das corridas por modalidade, identificando qual é a traquete e vela. E possível ver cores distintas entre as embarcações, cada grupo de corredor arrumar, pintar e desenha a parte das suas particularidades, com o que eles mais se identificam em cultura, história e identidade.

Levando-se em consideração os aspectos econômicos e o número de pessoas que se reúnem para assistirem as regatas, pode-se indicar que a do distrito de Santo Estevão supera a da sede.

Figura 7 - A chegada na praia de Santo Estevão.



Fonte: acervo pessoal do senhor Antônio Natividade e Jesus.

A imagem do senhor Antônio não tinha uma datação fixa, ele relatou que a aquele ano da corrida estaria entre o final da década de noventa e o começo de dois mil. Essa fotografia mostra o tamanho proporcional e movimentação que essa cultura tem, milhares de pessoas vão apreciar os saberes dos pescadores, os dotes culinários, personagens históricos e canoas famosas da competição.

Como se pode perceber na imagem acima, o público se aglomera nas margens da Baía de Todos os Santos. Esse número elevado de pessoas acaba aquecendo o comércio, o que demonstra que, para além do aspecto cultural, existe um aspecto econômico importante a ser aqui considerado. Trabalhadores extras são convocados para prestar apoio nos estabelecimentos e atenderem os turistas. Talvez, depois do período junino, a corrida de canoas seja um dos eventos que mais movimentam a economia do município.

A regata de canoas é um lugar de memória e história, que serve como atrativo turístico, uma tradição que promove interações sociais e dinâmicas, fazendo com que o crescimento econômico da sua localidade aumente disparadamente (Carvalho, 2011, p. 150). A ideia de um turismo cultural, que mobilizar a dinâmica socioeconômica de Santo Estevão, aumentando a venda de produtos local, dando mais visibilidade a região.

É notório que ela pode ser associada como uma festa nesse sentido de turismo cultural, fazendo as pessoas valorizarem mais suas culturas locais e preservarem seus bens históricos, porque a população local vai se aproximando ou identificando com seus lugares de memórias locais (Carvalho, 2011, p. 157). A questão é não associar essa tradição rica em histórias e saberes da população pesqueira só a uma “festa”, já que detém atores sociais, treinamentos, divisões de funções, rivalidades de canoas e com uma existência de mais de cem anos.

O contexto “festa” é muito amplo na ideia de buscar um conceito, nessa ligação comunidade-corrida, ela serve como o movimento que gera a sociabilidade dos moradores e dá visibilidade ao distrito. Sua existência depende de toda cooperação coletiva das pessoas, para ajustar e organizar as etapas de preparação até impor seus valores socioculturais, como: roupas, comidas, bebidas, canoas, equipes, diálogo com outras pessoas e etc. Eles ali agregam conhecimento disponibilizando saberes e mostrando sua identidade própria, a população local nesse momento entende o seu lugar como indivíduo, ou seja, o pertencimento a sua comunidade é despertada naquele período, um orgulho coletivo baseado na sua ancestralidade de pescadores. (Caponero; Edson, 2010).

Dona Lenelucia de Jesus Copque dos Santos, de 54 anos de idade, a qual administra, com seu marido, um bar e uma lanchonete em Santo Estevão, indicou durante a entrevista que realizei com ela que o dia da corrida de canoas corresponde ao dia do ano de maior movimento

nos seus estabelecimentos comerciais. A imagem a baixo, mostra a simbologia socioeconômica e sociocultural da corrida, ela se tornar um evento tão grande que as pessoas verem ela como uma festa, fazendo crescer a economia local da região.

Essa tradição tem características que relaciona ela a uma festa simbólica local, as pessoas envolvidas associam ela como tal e não estão errados, pois as práticas e fundamentos encontrados são de um evento festivo, vai desde a mobilização de pessoas até sua importância como principal manifestação cultural da comunidade. O que faz ela ser vista também como uma festa, de acordo com Caponero e Edson (2010):

A festa é uma celebração de alegria, exaltação coletiva em que todos são sujeitos e atores, não há espectadores. Segundo Rosa, a festa contém fenômenos diversos “como organização, política, decoração, mercadorias, falas, encontros, desencontros, movimentos, roupas, etc., ou tintas, cores e movimento do quadro. [A festa pode ser] celebração, fruição, diversão, evento, espetáculo, brincadeira, investimento, exaltação, trabalho filantrópico e econômico”. (p.105)

Figura 8 - Festa da corrida de canoa



Fonte: acervo pessoal do senhor Antônio Natividade e Jesus.

Trata-se de um momento em que a cultura pesqueira passa a ser protagonista não apenas no mar, mas ainda em terra, sobretudo nos estabelecimentos que comercializam as riquezas dali extraídas. Compartilho, no entanto, dos ideais de Caponero e Edson (2010, p. 109), os quais indicaram que as análises das festas e dos eventos populares não podem ser reduzidas as expectativas de aumento do turismo e do comércio. É preciso ir além como, por exemplo, perceber como esses dias, semanas ou meses são oportunos para externar aspectos relacionados com a ancestralidade e a identidade. No caso da corrida de canoas, respectivamente, a indígena e pesqueira, muito embora a primeira parece ser pouco reconhecida.

Os protagonistas dessa História são, em sua maioria, pescadores pobres, que encontram na corrida de canoas um meio de demonstrar a sua identidade ribeirinha e a sua cultura de pescador.

Não se pode dizer que o município de São Francisco do Conde apoia e reconhece a importância dessa corrida. Tão pouco das pessoas que dela participam, como denunciou o senhor Antônio na Atividade Jesus Santos, de 54 anos de idade. Mesmo não sendo reconhecidos pelo poder público, nota-se que os integrantes dessa corrida se reconhecem como pertencentes a um mesmo grupo. Compartilham não apenas memórias em comum, mas ainda saberes e técnicas como, por exemplo, a de pescar e a de velejar pelas águas da Baía de Todos os Santos.

É uma “cultura de pescador” que, atualmente, encontra-se ameaçada. Isso porque, são poucos os moradores mais novos de Santo Estevão que se interessam por ela, ao menos do mesmo modo como, antes, se interessaram seus pais e avós.

Quanto aos participantes as corridas, esses se dividem entre popeiros, tombeiro, cueiro e cordeiros. Cada um deles ocupa uma função determinada na canoa. O popeiro, também chamado de mestre-canoeiro, é, na maioria das vezes, o proprietário da embarcação. Ele ocupa a posição de popa, fundo da canoa, daí o seu nome.

Nesse sentido, além de conhecer os aspectos estruturais e construtivos da própria canoa, e coordenar os demais integrantes da embarcação, o popeiro deve entender sobretudo a respeito do posicionamento e correntes de ar e do mar, permitindo, assim, que a embarcação ganhe mais velocidade e não passe por qualquer acidente.

Hackerott (2018, p. 59), estudioso da obra *Devaneio e movimento da experiência do velejar*, indicou que:

O ar é o elemento central do veleiro, ele é a energia e o responsável pelo movimento. Toda a lógica da navegação a vela persegue o vento. O velejador está a todo o momento buscando senti-lo para ajustar o equipamento em função da sua direção e intensidade. Nesse sentido, o equipamento se torna extensão do corpo, que toca tanto o ar quanto a água: vela, casco e leme se tornam uma espécie de pele. Nos cabos que controlamos as velas, sentimos a intensidade com que o vento a toca e olhando para ela compreendemos a direção do vento mais minuciosamente do que ao senti-lo no rosto. Ao segurar o leme e ao se equilibrar no casco, sentimos a presença e a vibração da água.

Na imagem abaixo, pode-se perceber o quanto os corpos e a embarcação são extensão, em muitas ocasiões, um do outro durante uma regata. Todos trabalham com o objetivo de manter a vela hasteada para pegar vento e, conseqüentemente, mais velocidade. O decorrer da competição mostra que os corredores ficam para fora da canoa, todos trabalham de forma coletiva na sua função, com o objetivo de manter a vela em pé para pegar vento e ganhar

velocidade. A velocidade das canoas é baseada no conhecimento de vento que o pescador detém, para se apropriar dele na hora certa e ficar mais rápido, é possível perceber que o vento está em contato com o pano, deixando ele firme para dá uma grande velocidade. O tratamento de todos corredores com a embarcação, é como se ela fizesse parte do próprio corpo deles, um amor muito grande com ela.

Figura 9 - Corrida em movimento



Fonte: Portal de São Francisco do Conde-BA.

Outro tripulante importante na canoa é o Tombeiro. Ele vai posicionado sempre um pouco à frente do popeiro. Cabe a ele assegurar o equilíbrio da canoa, permitindo que ela não tombe/vire, daí o seu nome. Um bom tombeiro deve ainda prestar apoio ao mestre, compartilhando, sempre que possível e necessário, os seus conhecimentos a respeito das correntes marítima e de ar.

O cueiro, outro integrante da canoa, recebe esse nome por conta da cuia/vasilha que usa para retirar a água que adentra a embarcação durante o percurso. Embora pareça que ele ocupa uma posição de menor prestígio, a sua função é de suma importância para deixar a canoa mais leve, ágil e rápida.

Há ainda a figura do cordeiro. Em número de cinco, eles são responsáveis por puxar cada uma das cordas que estão atadas à vela, mantendo-a sempre em pé e disposta para receber o vento que irá deslocar a canoa. Precisam ser, por isso, além de ágeis, muito fortes fisicamente. No decorrer da competição, nota-se que os cordeiros praticamente não ocupam o espaço interno da canoa, eles procuram se postar suspensos sob as águas, mantendo contato com a canoa apenas com os pés. Enquanto se equilibram, eles puxam as cordas que estão atadas as velas, sempre procurando posicioná-las de modo a receber o melhor e a maior quantidade de vento possível.

O sucesso da navegação depende, necessariamente, do conhecimento, da disposição e sobretudo da sintonia entre cada um desses personagens. Um dos meus entrevistados, o senhor Jiucelio Serafino Santos, de 56 anos de idade, antigo participante da corrida de canoas de Santo Estevão, me revelou o quanto o conhecimento era primordial para o êxito na competição. Segundo ele, durante uma edição da corrida, “viu uma ventania forte [ainda] bem longe”. Na ocasião, ao perceber isso, ele imediatamente “mandou os tripulantes abaixarem todas as cordas”, o que fez com que as demais canoas, em um primeiro momento, deixassem eles para trás. Todavia, “quando o vento foi chegando”, ele ganhou velocidade novamente e “passou todo mundo”, abrindo enorme “distância”, a ponto de os observadores não acreditarem o motivo deles “chegarem tão rápido”.

Não restam dúvidas que, de acordo com esse depoimento, o senhor Jiucelio Santos creditou a sua vitória nesta edição da corrida a sua capacidade de entender sobre como as correntes de ar se comportam na Baía de Todos os Santos, inclusive em dias chuvosos. Um mestre na canoa, um sábio da natureza.

Há, contudo, um outro elemento que devia ser importante para o sucesso em uma corrida: a própria canoa. É sobre ela que irei me ater no próximo tópico.

3.2 A CANOA

Desde a Pré-História, os hominídeos escavavam os troncos das árvores com o uso do fogo e de instrumentos como machados e pedras para usá-los como meio de transporte. Formavam canoas monóxilas, as quais, nas Américas, seriam ainda muito empregadas pelos povos indígenas no desenvolvimento da pesca e em pequenos deslocamentos (Németh, 2011, p. 4).

Segundo Stuart Schwartz (1968, p.42), a derrubada de árvores com o intuito de construir embarcações era uma prática comum entre os Tupinambás, grupo étnico que ocupava a região que passaria a ser denominada enquanto Recôncavo Baiano.

Os aspectos relacionados à ancestralidade indígena são poucos conhecidos na região, ainda mais em São Francisco, município que, de acordo com os dados do censo de 2010, possui 90% da sua população identificada enquanto negra. Sabe-se que as canoas usadas na corrida de Santo Estevão possuem características físicas muito idênticas às embarcações que eram usadas pelos indígenas da região. São, nesse sentido, canoas monóxilas, estruturadas artesanalmente a partir de troncos de árvores.

Já o aprimoramento e o emprego de velas e de outros instrumentos de navegação nas canoas seriam decorrentes do contato entre indígenas, europeus e africanos escravizados (Németh, 2011, p. 39). Na Bahia e, em particular, no município de São Francisco do Conde, usa-se comumente a vela em formato triangular e um mastro para mantê-la firme em pé (Camara, 1888, p. 47). Já as canoas que participam da regata de Santo Estevão usam duas velas dessas.

Quanto à estrutura da embarcação, ela segue o formato da canoa caiçara, nome que faz menção a grupos de pescadores tradicionais dos litorais do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Todos eles têm no mar a sua imagem simbólica, como o lazer, trabalho, cultura, vida e tradições (Silva; Zimmermann; Saura, 2020, p. 3). A estrutura física dessas canoas não destoa muito das canoas monóxilas. A frente delas é chamada de proa e o fundo de popeiro, com furo nos dois bancos que serão encaixados a a mastro para dar suporte às velas.

Figura 10 - Canoas de Santo Estevão



Fonte: acervo pessoal do senhor Antônio Natividade e Jesus.

A imagem acima das canoas, representa uma embarcação monóxila, feita de troncos de uma árvore, sua estrutura é feita e pensada ponta a ponta, ou seja, a frente e o fundo. Todas com furo no banco para os troncos de madeira (mastro) serem encaixado, tudo em formar de um trabalho coletivo e amigável entre os tripulantes, através da supervisão do mestre da canoa ou Popeiro.

No caso da regata de Santo Estevão, as canoas são divididas de acordo com o seu porte e dimensão. Há dois mastros, um para cada vela, os quais devem permanecer sempre alinhados um com o outro, para que, assim, a canoa possa se manter equilibrada. Elas são adquiridas sem qualquer espécie de adereço.

O que pude notar, a partir da oralidade, é que as canoas são, em algumas ocasiões, a extensão das moradias dos corredores. A pesca, a corrida e a canoa são o conhecimento desses pescadores, tudo que eles acreditam para lutar e resiste como pessoa, é fruto dessa junção pesqueira, o modo de vida deles está nessa tradição, o lazer, o trabalho, passeios, brincadeiras, cultura e competição, de certa forma é uma extensão social de quem eles são e pertence. (Hackerott, 2018, p. 36)

Entre as canoas da corrida de Santo Estevão, aqui teve maior destaque foi a Morena da ilha de Maria Guarda, do senhor João que já é falecido. Essa embarcação corria na modalidade de vela grande, modalidade que levava mais corredores, era entorno de nove pessoas. A morena é a embarcação mais velha e vitoriosa da corrida, sua fama e protagonismo gera em torno da sua sede de conquista que ela conseguia.

Segundo o morador de Santo Estevão Maurício Calisto de Lima, de setenta e sete (77) anos, a Morena é anterior a ele, não se tem uma datação fixa da origem ou relatos sobre, porém ele acreditar que ela tem mais de cem anos de existência. A canoa era muito confiante, todos os telespectadores só apostavam nela, porque saberia que iria ganhar ou brigar pelo título, a quantidade de título precisa não tem, mais ele achar que tem mais de sessenta vitórias, pois, os tripulantes dela eram os melhores para ele.

Pele falecimento do senhor João da ilha de Maria Guarda a um tempo atrás, ficou difícil ter mais dados e narrativas sobre a Morena, o que se tem é de outros corredores e moradores de Santo Estevão que presenciava todo esse protagonismo dessa riquíssima canoa. A regata tem a oralidade como saber primordial da sua comunidade, pois ela faz com que os pescadores relacionem todos os aspectos da vida, o entendimento humano é revelado pelas suas aptidões humanas e físicas, ao mesmo tempo a corrida é diversão, cultura, conhecimento, ciência, história, ancestralidade e identidade, ou seja, o comportamento cotidiano daqueles pescadores e do distrito estão nessa cultura. (Hampâté, 2010, p. 169)

As histórias da Morena estão vivas na mente dessas pessoas, a grandeza dela não pode ser limitada pela falta de fontes históricas. Segundo o senhor Antônio na Atividade Jesus Santos de 54 anos, a Morena em uma edição de corrida estava brigando pau a pau com uma canoa, o Popeiro da outra embarcação trapaceou para a morena não passar essa canoa, ele folgou o remo e a canoa começa a diminuir a velocidade para bater na morena, que cai no mar com tudo quebrado, quase tem uma briga entre os tripulantes e prejudica ela, mas ela ganhou o prêmio por que foi considerado uma trapaça.

A oralidade não é uma mera técnica, o processo de coletar, sistematizar, analisar e interpretar os depoimentos históricos para completarem com outras fontes históricas, já que

nessa comunidade é o único meio de acervo de informação, para trazer narrativa desse grupo social de pescadores (Lozano, 2006, p. 25). Diante disso, aparece um personagem muito importante para a comunidade e corrida de canoa, o senhor Jiucelio Serafino Santos de cinquenta e seis anos, morador local da rua do ilhote de Santo Estevão, uma das pessoas que tem o maior amor pela cultura e pesca.

Ele já foi organizador do evento vários anos, sua trajetória de vida foi baseada com a pesca, sempre foi seu meio de trabalho, aprendeu tudo de canoa, rede, mar, peixe e vento com seu pai e tio, um conhecimento que ele obteve e chegou até ser um corredor quando era mais novo. O passado que é o objeto da história, fez com que Santo Estevão resiste-se com sua tradição graças a memória e oralidade preservada pelas novas gerações, o conhecimento que Jiucelio aprendeu fez ele manter viva a corrida de canoa. (Hobsbawm, 1997, p. 18)

Ele teve e tem muito destaque, respeito e protagonismo na corrida, pois é dono de uma canoa muito famosa, a Leoa que é a única de Santo Estevão que compete nos últimos anos. A canoa corre na modalidade de vela pequena, sendo uma das mais vitoriosa, não se tem uma datação fixa da sua origem, mas segundo Jiucelio tem mais de 30 anos, porque veio de sua família e passou para ele.

A imagem a baixo, mostra a Leo com seu pano vermelho, que foi o período que ela mais ganhou título, até em outros lugares ela corria e ganhava, quando perdeu esse pano ficou sem ganhar por muito tempo. Existe uma história na canoa quando ele ainda corria, que ele viu uma ventania forte bem longe da corrida, mandou os tripulantes abaixa todas as cordas, as outras canoas foi passando ele, quando o vento foi chegando ele passou todo mundo, ganhou muita velocidade, dando distância em todos os outros competidores, tanto que os observadores não acreditarão por eles chegarem tão rápido.

Figura 11 - Canoa Leoa de Santo Estevão



Fonte: Jiucelio Serafino Santos.

Essa canoa por ser local, ainda leva alguns corredores do distrito, porque são poucos moradores que participam como corredor atualmente. O amor de Jiucelio é tão grande pela corrida de canoa, que em alguns anos o evento ficou sem ter, por falta de organização e apoio da prefeitura, ele com alguns amigos pescadores e donos de canoa, todos de regiões próximas como Maria Guarda, Paty, Paramana e Acupe, eles criaram um grupo de WhatsApp e começaram a fazer algumas competições de canoa (porfia), com o número bem reduzido comparado com a Regata Centenária de Santo Estevão.

È virtude de que, a regate de Santo Estevão existe a mais de cem anos, com toda história envolvida e protagonizada por pescadores. Uma tradição que tem grande importância econômica e cultural para o distrito, servindo como uma competição-cultural ligada ao turismo, porém, ela é mais do que isso, ali está resumida a história, identidade e ancestralidade da sua comunidade, que sempre foi marcada pelo contato com o mar.

3.3 PATRIMÔNIO IMATERIAL

A corrida de canoa de Santo Estevão, deve ser reconhecida como patrimônio imaterial da cidade, vale ressaltar que o objetivo não é aprofundar nesse debate, só associar a tradição com o conceito. O estado descreve o que é patrimônio cultural, são os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (Brasil, 1988)

A Constituição de 1988 do Brasil criou em 1973 o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), para preservar e valorizar os bens móveis e imóveis cultural e artístico do país, pois a conservação faz com que a memória histórica não seja perdida, essa autarquia é fundamental para o reconhecimento de diferentes patrimônios pela cidade, os que são tombados e os que não são (IPHAN, 1979). Patrimônio imaterial são os bens naturais que estão ligadas às práticas de vida sócias, manifestado em saberes, modos de fazer, celebrações, músicas e lugares que detém práticas culturais coletivas, transmitido de geração a geração, recriado pelas comunidades e grupos em função de sua realidade e ambiente, promovendo a interação da natureza com suas histórias, para promover o orgulho de identidade (Gov.Br, 2019).

A corrida serve como um turismo cultural, proporciona para a comunidade a dinamização econômica, através dos bens culturais, saberes, personagens, vendas de produtos e empregos para a população local, ao mesmo tempo valorizar a identidade pesqueira local (Brito, 2019, p.33). O modo de vida de Santo Estevão está presente na corrida, um evento festivo que envolve, celebração, a vida relacionada com o mar, os conhecimentos dos corredores na competição, o processo de arrumação das canoas e a ancestralidade pesqueira que é preservada por mais de cem anos, sendo transmitida pela oralidade em geração a geração, uma história relacionada a natureza.

Cultura é o domínio dos símbolos, que detém o objetivo de aprender e relacionar as coisas, o ser humano é capaz de promover essa linguagem simbólica, todas pessoas e sociedade tem cultura (Ortiz, 2008, p. 123). Os pescadores de Santo Estevão são cheios de histórias e culturas, a temporalidade de existência da corria demonstra toda a grandeza dessa comunidade. O que prevalece nela é toda a memória coletiva e social, porque os fatos, acontecimentos e personagens presentes são a essência das pessoas, que vão despertando o pertencimento mesmo sem participar; os personagens antigos que terão suas histórias e vozes trazida; além do distrito ser um lugar de memória, lembrou da corrida de canoa no município, automaticamente as pessoas já lembram dele. (Pollak, 1992, p.202)

A história de vida de Santo Estevão é marcada pela pesca e o mar, mesmo as pessoas que não correm, elas se identificam com a cultura, porque diz muito sobre eles e sua família. A regata centenária consolida Santo Estevão como um lugar de grande diversidade histórica e cultural, pois essa prática traz a referência de seu grupo de pescadores da região local e das vizinhas, que participam da competição. Pois cultura é tudo que a humanidade faz e fez no seu tempo, servindo de reflexo para o presente e futuro, segundo os autores Cruz, Menezes e Pinto (2008):

as culturas populares representadas nas festas, crenças, hábitos e tradições, nos saberes do patrimônio cultural brasileiro, revelados na gastronomia, nas danças folclóricas, nos ritos e celebrações, buscamos enfatizar que todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade que vem constituir pertencimento, e por que não dizer identidades, uma vez que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si. (p. 2)

Os corpos, jogos e disputa na corrida são componentes culturas, pois a arte de manusear as canoas, puxar a corda, guiar a embarcação, orientar os corredores, aproveitar o vento e mar, demonstra que essa atividade é rotineira de Santo Estevão, ou seja, o contato deles com a água (Silva; Zimmermann; Saura, 2020, p. 4). É claro que a vida dos moradores da região está relacionada à maré, uma comunidade costeira com uma parte do belo mar da Baía de Todos os Santos, tem sua cultura, economia, transição, diversão e lazer voltado ao mar.

A Regata como competição diz muito sobre o distrito, reafirmar os aspectos indenitários de sua população, que começar a conhecer mais suas ancestralidades, história e sua relação social, política e econômica, ajudando a preservar e valorizar mais o mar. Todos os anos no dia oito de dezembro tem essa cultura, que demonstra grande parte da formação e vida das pessoas da região, segundo Silva, Zimmermann e Saura (2020):

O jogo tradicional é uma formidável apresentação de como são aquelas pessoas que estão ali, em movimento e diálogo por meio do jogo. Revela como vivem, com o que trabalham, no que acreditam. Expõe a fé, o amor, a crença. Faz rir, faz perpetuar, faz remodelar. “Tal tipo de jogo deixa para a tradição local o cuidado de transmitir seus códigos e rituais, o sistema de regras é estabelecido pelos grupos que os praticam, segundo costumes locais.” (Vinha, 2011, p. 232). O jogo tradicional é uma dádiva humana com caráter divino. Criado por pessoas, transforma o tempo e o espaço, religando corpo, cultura, espiritualidade e materialidade por meio da manifestação corporal”. (p. 7)

É notório que todos elementos da corrida de canoa, o que ela representar, sua importância cultural e econômica, uma tradição rica presente no mar, lazer, festa, pescadores, funções dos corredores, coletividade, trocas orais, saberes, o tempo de existência, vento e canoa, demonstra que ela é um patrimônio imaterial de São Francisco do Conde, relacionando ao conceito. Patrimônio imaterial é o conhecimento que está dentro da pessoa, preso na sua cabeça e a forma como ele vai passar para seus filhos, ou seja, o invisível é o que é mais importante de saber, tendo a linguagem oral como veículo de sua história cultural (Gallois, 2006, p. 8).

A corrida de canoa pode ser associada como uma festa popular, por mobilizar pessoas, exige organização política e econômica, feita a seu aberto e ter shows e apresentações culturais além da competição. Essas festas populares são patrimônio imaterial, porque sua manifestação cultural contribui para a afirmação da identidade da sua sociedade (Conponero, Edson, 2010,

p. 106). Os saberes e conhecimento sobre corrida, vento, mar, corda e vela, são habilidades dos pescadores que existe a muito tempo, ensinada pelos seus ancestrais, é um patrimônio cultural vivo deles.

Toda prática, representação e conhecimento que esteja associada a uma comunidade ou grupo social, preservado de geração a geração pela oralidade, que mostra a interação da natureza com a sociedade é um patrimônio imaterial (Gallois, 2006, p. 10). A figura abaixo foi um documento legal dado pelo município de São Francisco do Conde-BA, junto com a secretaria de Cultura e Turismo (SECULT), a corrida de canoa de Santo Estevão, através de um Selo de Reconhecimento Cultural Joias do Recôncavo no ano de 2022. Seu objetivo é reconhecer a relevância histórica, artística, identitária, tradicional e ancestral de manifestações culturais como Patrimônio Imaterial da cidade, a corrida teve esse título por toda a sua grandeza.

Figura 12 - Selo de reconhecimento da corrida como patrimônio



Fonte: Jiucelio Serafino Santos.

Nos termos do artigo 9º da lei nº 04/2017, de 24 de julho de 2017, tem como objetivo proteger e preservar os patrimônios históricos culturais do município, além de promover uma revitalização cultural e fortalecer a identidade municipal (SFC, 2017). Existem políticas públicas na cidade para preservar suas histórias, valores, personagens, saberes, lugares, tradições e ancestralidade. Esse Selo cultural da cidade, é um reconhecimento histórico que demonstra o afeto e valor que a corrida tem para o município, pois as características dessa tradição mostra que ela é um Patrimônio Imaterial, uma cultura que é centenária, dá vozes e protagonismo aos pescadores, cheio de saberes sobre vento, mar, canoa, vela, remo, coletividade e treinamento, a imagem de um mestre de canoa (popeiro) e toda as outras funções dos corredores.

É notório que a Corrida de Canoa de Santo Estevão, para os moradores é a principal cultura da região, levar ele para o âmbito acadêmico é valorizar e dá um maior protagonismo para a tradição. A legislação nacional tem o processo de salvaguarda as práticas culturais que são importantes para a identidades nacionais, nesse caso a dos pescadores, para transformar as narrativas e saberes dessa cultura como documentos históricos. (Conponero; Edson, 2010, p. 107)

Não que para a corrida ser importante e valorizada depende disso, até porque ela já tem um grande protagonismo histórico para o município, reconhecida como uma cultura centenária, porém, ser vista no ambiente de universidade dará ainda mais visibilidade. Salvar um patrimônio imaterial é apoiar a continuidade da cultura, melhorando sua transmissão e reprodução da sua existência (Conponero; Edson, 2010, p. 107). Sem negar a importância oral dos pescadores e moradores, nem transforma a cultura só como um aspecto político e econômico, uma festa que gera lucro, pois está negando a identidade pesqueira de Santo Estevão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve o objetivo de analisar a história da Corrida de Canoas de Santo Estevão, distrito de São Francisco do Conde-BA, trazendo os saberes, personagens, lugares, pesca, mar, identidade e memória da cultura e do grupo envolvido. Destacando a oralidade como ferramenta metodológica, já que a comunidade tem suas relações culturais, políticas e econômicas preservada e valorizada pela fala, essa tradição ocorre no dia oito de dezembro ou no primeiro domingo do mês.

A formação de Santo Estevão pode ser debruçada no período da colonização, quando ela era um dos engenhos de São Francisco, no século XIV com toda economia açucareira, porque de fato as histórias do município são desse período. O surgimento da vila de São Francisco do conde foi em 1698, sem uma datação fixa pode ser entendido que o distrito surgiu em 1757, a falta de um estudo antropológico e histórica na região afasta a presença indígena antes dos portugueses.

Porém, analisando o modo de vida, cultura, economia, festa, tradição, história, saberes e conhecimento presente em Santo Estevão, é possível ver a ancestralidade indígena presente até hoje. Mesmo com a produção de açúcar na região, a pesca e atividades das marisqueiras sempre foi mais forte e frequente, até hoje a economia, o lazer e as tradição da população tem relação com a água.

Nesse sentido, é possível ver que a identidade do distrito está na corrida de canoa, uma cultura de pescador que resume a vida deles. Ela tem grande importância cultural e econômica para o distrito; ela gera visibilidade para os pescadores mostrarem suas histórias e conhecimento de pesca, através do seu lazer em forma de competição histórica, a corrida existe a mais de cem, anos, exige dos corredores o conhecimento de vento, mar e canoa, a coletividade e divisões de funções entre eles, a hierarquia e respeito na figura do mestre ou Popeiro, a dinâmica e representação que ela promove para os moradores, mesmo aqueles que não correm sabe que ali está um pouco da sua história e formação individual, além de tudo ser preservado pela memória coletiva através da oralidade.

Ela é muito importante economicamente, pois promove uma forma de turismo cultural para a comunidade, todos vão ver a cultura que se torna um evento festivo identitário, em torno desse lazer dos pescadores. O aumento de turista que vão para o distrito é muito grande, mais de três mil pessoas consumindo bebidas e comidas típicas, feita pela população local e tirada do próprio trabalho pesqueiro dos moradores, além de fazer com que os comércios da região empregue jovens para estar vendendo no dia da corrida pelas ruas.

Por fim, a ideia foi trabalhar em cima do conceito de Patrimônio Imaterial, para mostra que todos os detalhes e característica da Corrida se enquadra nele. Uma cultura que é viva graças a memória coletiva e social dos pescadores e moradores do distrito, que graças a oralidade é possível preserva-la, trazendo os sabres dos pescadores, sua história com o mar, pesca, vela, com os tripulantes e com a tradição, mostrando que ela é uma cultura deles e carregar uma serie de conhecimento. Ela é um patrimônio imaterial porque é passada de geração e geração pela fala, existe a muito tempo e se tornou um evento festivo grandioso, que diz muito sobre a identidade deles, ou seja, Santo Estevão é um lugar de memória de pescador.

Levar uma cultural local para as universidades, é dizer que as comunidades tradições são detentoras de conhecimentos e história, estão no cotidiano de vida dos moradores, preservada pela oralidade. Quando ela virar um trabalho acadêmico, ou de certa forma é reconhecida como patrimônio imaterial e passa pelo processo de salvaguardar, o seu protagonismo está sendo valorizada ainda mais, vale ressaltar que não irá diminuir a essência histórica ancestral do saber oral de Santo estevão.

REFERÊNCIAS

- BARICKMAN, B.J. **E se a casa-grande não fosse tão grande?** Uma freguesia açucareira do recôncavo baiano em 1835. 2003.
- BRITO, Marcelo. Dimensão turística no Brasil e Região Sul Oportunidades e desafios para a gestão patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** nº 40 / 2019.
- CAMARA, Alves. Construções indígenas no Brasil. **Revista de Engenharia**. Rio de Janeiro, 1988.
- CANOA CAIÇARA: outubro de 2017. 2010. <https://canoadepau.blogspot.com/2017/10/>.
- CAPONERO, Maria Cristina; EDSON, Leite. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, 2010.
- CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de memória e políticas públicas de preservação do patrimônio: interfaces com o turismo cultural turismo. **Visão e Ação**, vol. 13, núm. 2, mayo-septiembre, 2011, pp. 149-165 Universidade do Vale do Itajaí Camboriú, Brasil.
- CASTELLUCCI, Wellington. **Pescadores da Modernagem: experiências e Trajetórias nos diversos tempos da vila de Tairu – Itaparica (1960-1990)**. São Paulo. Annablume. 2007. artigo: tenho no drive
- COSTA, Rodrigo Vieira. **O Registro do patrimônio cultural imaterial como mecanismo de reconhecimento de direitos intelectuais coletivos de povos e comunidades tradicionais: os efeitos do instrumento sob a ótica dos direitos culturais** / Rodrigo Vieira Costa; orientador, Marcos Wachowicz, 2017. 523 p
- CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas culturais: tradição, comidas e celebrações**. I EBECULT –FACOM/UFBA. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.
- CUNHA, Mário Pinto. **Memorial de São Francisco do Conde (BAHIA)**. 1997.
- DIAS, Maria da Graça Andrade. **Memórias e Existências [manuscrito]: identidades e valores na representação social do patrimônio no Recôncavo da Bahia** / Maria da Graça Andrade Dias. – 2015.
- FERREIRA SANTOS, M. Cultura Imaterial e processos simbólicos. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 14: 139-151, 2004.
- Ferreira, Marieta de Moraes (org.) **História oral: desafios para o século XXI**. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. — Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. V.8. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 2006.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim et al. **Educação Patrimonial: inventários participativos**. Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, 2016.

Francy Baniwa e Francisco Baniwa. **Umbigo do Mundo**. NÚMERO DA EDIÇÃO, 1. IDIOMA, Português. ANO DA EDIÇÃO, 2023. ILUSTRAÇÕES, Frank Baniwa. EDITORA, Dantes.

FREITAS, Idalina M Almeida; SANTANA, Tatiana Florentino: SÀ, Elzira; VIANA, Juciara. **Escravidão e trajetórias do pós-emancipação em São Francisco do Conde**: notas de pesquisa (séculos XIX e XX). Revista ABPN, 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas**. Iepé. 2006.

HACKEROTT, M.A. **Devaneio e Movimento da Experiência do Velejar**. 2018. 116 f. Dissertação (mestrado em ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.

HISTÓRIA Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, Secad/ MEC, UFSCar, 2010. KI-ZERBO, Joseph. Cap: A tradição viva. Amadou Hampâté Bâ. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo populacional de 1872.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória**. 1979. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural?categoria=&busca=Patrimonio+Imaterial>

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF : Iphan, 2012.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução de Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

NAPOLITANO, Marcos. **Negacionismo e Revisionismo Histórico no século XXI. Novos combates pela história**: desafios e ensino. Organização Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky; Carlos Fico... {et al}- São Paulo: Contexto. 2021. 256 p.

NÉMETH, Peter Santos. **O feitio da canoa caiçara de um só tronco**: a cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas. 2011.

ORTIZ, Renato. Cultura e desenvolvimento. **Políticas Culturais em Revista**, 1(1), p. 122-128, 2008.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. gov.br. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial> . Acessado em: 18 de agosto de 2023.

PESCADORES da Modernização: cultura, trabalho e memória em Tairu, Bahia. 1960-1990. 2007.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Tradução Monique Augras. Edição de Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

PROST, Catherine; CERQUEIRA, Israel Lucas Santos. **Pesca artesanal em áreas protegidas**: territórios conjugados pêche artisanale em aires protégées: territoires Conjugués. [s. d.]

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SANTO ESTEVÃO deu início aos festejos em homenagem ao santo padroeiro local. 2017. Disponível em: <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/santo-estevao-deu-inicio-aos-festejos-em-homenagem-ao-santo-padroeiro-local/>

SANTO, José Jorge do Espírito. **São Francisco do Conde**: Resgate de uma riqueza cultural. São Francisco do Conde. 1998.

SANTOS, Driele Narali Pereira. **A irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de São Gonçalo do Amarante de São Francisco do Conde**: experiências de devoção e disputas sociais - 1856. 2023.

SANTOS, Driele Narali Pereira. **Patrimônio histórico**: pertencimento e memória através das políticas de preservação do convento de Santo Antônio em São Francisco do Conde. 2019.

São Francisco do Conde-BA: Dias, Maria da Graça Andrade. **Memórias e Existências [manuscrito]**: identidades e valores na representação social do patrimônio no Recôncavo da Bahia / Maria da Graça Andrade Dias. – 2015.

SÃO FRANCISCO DO CONDE-BAHIA. Lei complementar nº 04/2017, de 24/07/2017. Política urbana do município. **Diário oficial do município**, 3 - Ano V - Nº 1759, São Francisco do Conde, Bahia, 24/07/2017.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. São Paulo: Matrioska, 2022.

SCHWARTZ, Stuart 8. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. Tradução: Laura Teixeira Hotta. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

SELAU, Mauricio da Silva. **História Oral**: uma metodologia para trabalhar com fontes orais. [s. d.].

SILVA, Daniel Cobra; ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. **O mar e o caçara**: a corrida de canoas como jogo tradicional e fortalecimento identitário. 2020.

TAVARES, Fátima. **Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos** / Fátima Tavares ... [et al.]. - Salvador: EDUFBA, 2019. 185 p.